**Manchete:** A China e os Estados Unidos podem estabelecer o respeito mútuo para diminuir as tensões?

Por Vijay Prashad

**Biografia do autor:** Este artigo foi produzido para a [Globetrotter](https://globetrotter.media/) e traduzido por Pedro Marin para a [Revista Opera](https://revistaopera.com.br/). Vijay Prashad é um historiador, editor e jornalista indiano. É membro da redação e correspondente-chefe da Globetrotter. É editor-chefe da [LeftWord Books](https://mayday.leftword.com/) e diretor do [Instituto Tricontinental de Investigação Social](https://thetricontinental.org/es/). Também é membro sênior não-residente do [Instituto Chongyang de Estudos Financeiros](https://tinyurl.com/y2hdjcpo) da Universidade Renmin da China. É autor de mais de 20 livros, entre eles [*The Darker Nations*](https://smile.amazon.com/Darker-Nations-Peoples-History-Third/dp/1595583424/?tag=alternorg08-20) e [*The Poorer Nations*](https://smile.amazon.com/Poorer-Nations-Possible-History-Global/dp/1781681589/?tag=alternorg08-20). Seus últimos livros são [*Struggle Makes Us Human: Learning from Movements for Socialism*](https://www.haymarketbooks.org/books/1869-struggle-makes-us-human) e [*The Withdrawal: Iraq, Libya, Afghanistan, and the Fragility of U.S. Power*](https://thenewpress.com/books/withdrawal) (com Noam Chomsky).

**Fonte:** Globetrotter

**Rótulos:** Ásia, Ásia/China, Ásia/Índia, Ásia/Japão, Ásia/Filipinas, América do Norte/Canadá, América do Norte/Estados Unidos, Oceania/Austrália, Opinião, Notícias, Política, Guerra, Curto prazo

**[Corpo do artigo:]**

Em 3 de junho de 2023, embarcações navais dos Estados Unidos e do Canadá realizaram um exercício militar conjunto no Mar do Sul da China. Um navio de guerra chinês (LY 132) [ultrapassou](https://www.youtube.com/watch?v=hvJKnmSNAEw) o destróier de mísseis guiados dos EUA (USS Chung-Hoon) e atravessou seu caminho em alta velocidade. O Comando Indo-Pacífico dos EUA [divulgou uma declaração](https://www.pacom.mil/Media/News/News-Article-View/Article/3415952/usindopacom-statement-on-unsafe-maritime-interaction/) dizendo que o navio chinês “executou manobras de maneira insegura”. O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Wang Wenbin, [respondeu](https://www.fmprc.gov.cn/eng/xwfw_665399/s2510_665401/2511_665403/202306/t20230605_11089988.html) dizendo que os Estados Unidos “fizeram provocações primeiro e a China respondeu” e que as “ações tomadas pelos militares chineses são completamente justificadas, legais, seguras e profissionais”. Esse incidente é um dos muitos ocorridos nessas águas, onde os Estados Unidos realizam o que chamam de exercícios de Liberdade de Navegação (FON). Essas ações de FON são legitimadas pelo Artigo 87(1)(a) da [Convenção das Nações Unidas sobre as Leis do Mar](https://www.un.org/Depts/los/convention_agreements/texts/unclos/closindx.htm), de 1982. A China é signatária da Convenção, mas os Estados Unidos se recusaram a ratificá-la. Os navios de guerra dos EUA usam o argumento de Liberdade de Navegação sem direitos legais ou qualquer autorização do Conselho de Segurança das Nações Unidas. O Programa de Liberdade de Navegação dos EUA [foi criado em 1979](https://policy.defense.gov/Portals/11/Documents/FON%20Program%20Report_FY2021.pdf), antes da Convenção e em separado dela.

Horas depois desse incidente no Mar do Sul da China, o Secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, falou no Diálogo de Shangri-La, em Cingapura. O Diálogo de Shangri-La, que acontece anualmente no Shangri-La Hotel desde 2002, reúne chefes militares de toda a Ásia e convidados de países como os Estados Unidos. Em uma [reunião com a imprensa](https://www.defense.gov/News/Transcripts/Transcript/Article/3416959/press-gaggle-with-secretary-of-defense-lloyd-j-austin-iii-in-singapore/), Austin foi questionado sobre o incidente recente. Ele pediu ao governo chinês que “controlasse esse tipo de conduta porque acho que podem ocorrer acidentes que podem fazer com que as coisas saiam do controle”. O fato de o incidente ter ocorrido porque um exercício militar dos EUA e do Canadá foi realizado próximo às águas territoriais chinesas não motivou nenhum comentário de Austin. Ele enfatizou o papel dos Estados Unidos de garantir que qualquer país possa “navegar pelos mares e voar pelos céus no espaço internacional”.

A pretensão de inocência de Austin foi contestada por seu colega chinês, o ministro da Defesa Li Shangfu. “Por que todos esses incidentes aconteceram em áreas próximas à China”, [perguntou Li](https://www.youtube.com/watch?v=igSIFs3Q__c), “e não em áreas próximas a outros países?” “A melhor maneira de evitar que isso aconteça é que as embarcações e aeronaves militares não se aproximem de nossas águas e espaço aéreo... Cuidem de suas próprias águas territoriais e espaço aéreo, assim não haverá problemas”. Li contestou a ideia de que a marinha e a força aérea dos EUA estejam apenas realizando exercícios de FON. “Eles não estão aqui para uma travessia inocente”, disse ele. “Eles estão aqui para provocar”.

**Apertar a rede**

Quando Austin não estava falando com a imprensa, ele estava ocupado em Cingapura fortalecendo as alianças militares dos EUA com o objetivo de apertar a rede em torno da China. Ele realizou duas reuniões importantes, a primeira uma reunião trilateral entre EUA, Japão e Austrália, e a segunda uma reunião que incluiu seu homólogo das Filipinas. Após a reunião trilateral, os ministros divulgaram uma [declaração contundente](https://www.defense.gov/News/Releases/Release/Article/3415881/united-states-japan-australia-trilateral-defense-ministers-meeting-tdmm-2023-jo/) que usava palavras (“desestabilizadora” e “coercitiva”) que aumentaram a temperatura contra a China. Ao trazer as Filipinas para esse diálogo, os EUA incentivaram uma nova cooperação militar entre Camberra, Manila e Tóquio. A iniciativa se baseia no [acordo militar entre Japão e Filipinas](https://www.upi.com/Top_News/World-News/2023/02/09/Japan-Philippines-Kishida-Marcos-military-agreement/7431675965445/), assinado em Tóquio em fevereiro de 2023, no qual o Japão se compromete a doar fundos para as Filipinas em troca das Filipinas permitirem que os militares japoneses realizem exercícios em suas ilhas e águas. Ela também se baseia na aliança militar entre Austrália e Japão, [assinada em outubro de 2022](https://www.dfat.gov.au/countries/japan/australia-japan-joint-declaration-security-cooperation), que – embora não mencione a China – tem como foco o “Indo-Pacífico livre e aberto”, uma [frase](https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2022/02/11/fact-sheet-indo-pacific-strategy-of-the-united-states/) militar dos EUA que é frequentemente usada no contexto dos exercícios de FON em águas chinesas e próximas a elas.

Ao longo das duas últimas décadas, os Estados Unidos construíram uma série de alianças militares contra a China. A mais antiga dessas alianças é a Quad, criada em 2008 e [depois revivida](https://2017-2021.state.gov/australia-india-japan-u-s-consultations-on-the-indo-pacific/index.html), após um interesse renovado da Índia, em novembro de 2017. As quatro potências do Quad são Austrália, Índia, Japão e Estados Unidos. Em 2018, os militares dos Estados Unidos renomearam seu Comando do Pacífico (criado em 1947) para Comando do Indo-Pacífico e desenvolveram uma [Estratégia do Indo-Pacífico](https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2022/02/U.S.-Indo-Pacific-Strategy.pdf), cujo alvo principal é a China. Um dos motivos para renomear o projeto foi atrair a Índia para a estrutura que estava sendo construída pelos Estados Unidos, enfatizando as tensões entre a Índia e a China em torno da Linha de Controle Real, que separa os países. O documento mostra como os EUA tentaram inflamar todos os conflitos na região – alguns pequenos, outros grandes – e se apresentaram como defensores de todas as potências asiáticas contra o “bullying dos vizinhos”. Encontrar soluções para essas divergências não está na agenda. A ênfase da Estratégia do Indo-Pacífico é que os EUA forcem a China a se subordinar a uma nova aliança global contra si.

**Respeito mútuo**

Durante o diálogo com a imprensa em Cingapura, Austin sugeriu que o governo chinês “deveria estar interessado na liberdade de navegação também, porque sem ela, quero dizer, eles seriam afetados”. A China é uma grande potência comercial, disse ele, e “se não houver leis, se não houver regras, as coisas também irão se deteriorar muito rapidamente para eles”.

O ministro da Defesa da China, Li, deixou bem claro que seu governo estava aberto ao diálogo com os Estados Unidos e também se preocupou com o “colapso” das comunicações entre as grandes potências. No entanto, Li apresentou uma importante condição prévia para o diálogo. “O respeito mútuo”, disse ele, “deve ser a base de nossas comunicações”. Até o momento, há poucas evidências – menos ainda em Cingapura, apesar da atitude animada de Austin – de respeito dos Estados Unidos pela soberania da China. A linguagem de Washington fica cada vez mais ácida, mesmo quando finge ser doce.